

Os rastros digitais e a memória dos jovens no Facebook

Rosali Henriques
Unirio – rosalih@gmail.com

Vera Dodebei
Unirio – dodebei@gmail.com

A internet tem revolucionado a forma como as pessoas veem o mundo. Como em qualquer campo das Ciências Humanas, o campo da memória também está sendo afetado por esta nova mídia. Este texto discute como a internet, mas principalmente as redes sociais, com especial atenção ao Facebook, tem mudado a forma como os jovens lidam com os processos da memória. Destacamos nesta comunicação as relações entre memória e internet, analisando o surgimento do Facebook e como as ações de postar, curtir e compartilhar são parte do processo de memória e esquecimento entre os jovens nativos digitais.

Palavras-chave: Memória; Internet; Facebook; Nativos Digitais

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o uso do Facebook como plataforma de registro de memória pelos jovens nativos digitais¹. Trata-se de uma análise parcial de uma pesquisa em andamento no curso de doutoramento em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Atualmente, o Facebook é a rede social com maior presença entre os jovens brasileiros. Eles postam, compartilham e curtem o tempo todo por meio de computadores, mas principalmente através dos aparelhos de telefonia celular. Os jovens nativos digitais registram e compartilham a sua memória cotidiana através de fotos e textos no momento dos acontecimentos. Essa memória imediata e compartilhada está acessível a qualquer um de seu próprio círculo de amizades. No entanto, podemos afirmar que as redes sociais tornaram-se espaço de preservação e divulgação da memória das pessoas na internet? Em contraponto a este desejo de memória e patrimonialização, podemos afirmar que ao postar e compartilhar uma foto no Facebook, os jovens

1 Nativos digitais é uma expressão criada pelo educador canadense Marc Prensky (2001) para definir as pessoas que nasceram após o advento da internet, do celular e do MP3. Quem nasceu anteriormente a este período seria um imigrante digital, pois teve que aprender a lidar com esta tecnologia em sua fase adulta.

nativos digitais também estão possuídos por um desejo de memória?

Essas indagações deram origem a uma pesquisa de doutoramento em Memória Social e que se encontra atualmente em fase de conclusão. Os pressupostos que movem a nossa pesquisa são os de que as TICs², mas principalmente a internet, têm mudado a forma como as pessoas se relacionam com a memória. Podemos dizer que os processos de memorização e rememoração continuam os mesmos de outros tempos, mas que hoje existem ferramentas com as quais as pessoas trabalham os registros e que modificam os tempos da memória.

Este estudo foi efetuado com um grupo de 31 jovens entre 15 e 25 anos, moradores de várias regiões do Brasil. O acompanhamento das postagens foi feito de forma virtual durante o período de março de 2012. Em seguida, foram aplicados dois questionários aos jovens. O primeiro deles tinha como objetivo entender como estes jovens usam a internet e o Facebook no seu dia a dia e foi aplicado em abril de 2012. O segundo questionário, aplicado em julho de 2013 tinha como objetivo entender a dinâmica da memória nas postagens efetuadas pelos jovens. Durante o período da pesquisa, entre março de 2012 e julho de 2013, analisamos diariamente as postagens dos jovens com o objetivo de entender o que eles postavam, o que curtiam e o que compartilhavam.

1.A Internet e rastros digitais

Quando estudamos o papel da internet na preservação da memória social, não podemos deixar de discutir o conceito de rastros digitais. O que são os rastros digitais? Em primeiro lugar, gostaríamos de discutir o conceito de rastro. Segundo Jeanne Marie Gagnebin (2006), esse conceito conduz a uma problemática na abordagem sobre a memória. Para esta autora, existe uma ligação entre rastro e memória, já abordada por Aristóteles, Freud, Santo Agostinho e Proust. Para ela, a memória vive essa tensão entre presença e ausência desses rastros. De um lado, os rastros indicam a presença da memória, mas a sua ausência também demonstra que o processo de lembrança e esquecimento foi efetivado. Esta autora aponta que os rastros são marcados também pela não-intencionalidade. Assim como acontece com nossas lembranças, nem sempre os rastros são aqueles que queremos guardar, mas o que restou de vestígios de uma determinação ação.

Paul Ricoeur aponta que a grande dificuldade em discutir a significação do rastro reside num fato simples: “*Todos os rastros estão no presente. Nenhum deles exprime ausência, muito menos anterioridade*” (2007: 434).

2 Tecnologias de Informação e Comunicação.

Em sua obra “A memória, a história e o esquecimento”, Ricoeur (2007) nos alerta sobre o esquecimento e o apagamento dos rastros. Ele discute que embora em termos clínicos o esquecimento seja uma distorção da memória, em termos sociais o uso da palavra distorção não está completamente correto. Para este autor, em certos aspectos podemos falar em distorção da memória quando o esquecimento e o apagamento são uma ameaça à memória. Ele aponta que o esquecimento é parte integrante da memória, que não pode ser dissociado dos processos de lembrança.

Baseando-se na obra “Matéria e Memória” de Bergson, Ricoeur retoma a discussão sobre a problemática do esquecimento e dos rastros no processo de desencadeamento da memória. Para Ricoeur (2007: 448), “*não é mais o esquecimento que a materialidade põe em nós, o esquecimento por apagamento dos rastros, mas o esquecimento por assim dizer de reserva ou de recurso*”. Em seu entendimento, o esquecimento não se apoia na materialidade, ou seja, no apagamento desses rastros. Ao fazer um esboço fenomenológico da memória, Ricoeur faz uma distinção entre memória e lembrança. Para ele, a memória encontra-se sempre no singular, nas manifestações do nosso cérebro e espírito, e as lembranças estão no plural, pois participam do processo desencadeador da memória.

Mas, quais seriam os rastros digitais, partes de nossa memória na rede mundial de computadores? Os rastros digitais são as representações digitais que deixamos na rede mundial de computadores. Os rastros digitais são como pegadas na areia³, eles apontam o caminho percorrido por nós e por nossos dados na internet. E, não são somente as informações que nós postamos na rede mundial de computadores, mas também aqueles dados que inserimos em serviços governamentais, em sites de transações financeiras, comentários em *blogs* e *sites* de outras pessoas, etc. A esse conjunto de informações, Palfrey e Gasser (2011) chamam de dossiê digital. Esses dossiês possuem dois tipos de informações: um de caráter público e que pode ser buscado por qualquer pessoa via busca simples no Google e informações mais confidenciais, tais como número de telefone, de documentos e que não se encontram abertas ao público. No entanto, como em qualquer serviço, este tipo de informação pode vaziar para o público se o dado não for manipulado de maneira correta. O fato de serem confidenciais não impede, no entanto, que por um ataque de um *hacker* ou por um descuido, elas sejam disponibilizadas para o público.

3 Também pode ser usada a expressão pegada digital no lugar de rastro digital que é uma tradução direta da palavra em inglês *digital foot-prints*.

Mas, esses nossos rastros digitais não são necessariamente controlados por nós. Segundo Palfrey e Gasser, “*o problema com relação ao rápido crescimento dos dossiês digitais é que as decisões sobre o que fazer com as informações pessoais são tomadas por aqueles que detêm as informações*” (2011: 62). Muitas de nossas informações pessoais não estão sob o nosso controle, pois uma vez lançada na internet, perdemos o controle sobre elas. Estas informações vão se acumulando e se transformando em rastros digitais na *internet*.

Antigo provérbio chinês diz que “há três coisas que nunca voltam atrás: a palavra proferida, a flecha desferida e a oportunidade perdida”. Fosse reescrito há poucos anos, o sábio chinês teria incluído um quarto item no ditado: informação largada na internet (Teixeira, 2011).

Mesmo nas redes sociais, por exemplo, o fato de não queremos participar de um *site* desse tipo, não exclui a nossa presença, pois fotos onde aparecemos poderão ser postadas sem o nosso consentimento por nossos amigos ou familiares. E a presença nas redes sociais começa bem cedo, antes mesmo do nascimento, através de ultrassons e imagens 3D dos rostos dos bebês nos úteros maternos, postados por suas mães ou pais.

Em relação aos rastros digitais, uma questão que se sempre se apresenta é o dilema do que será preservado nesse grande depósito de registros que é a internet. O que restará de nossas pegadas digitais no futuro? Essa é uma questão para qual não temos a resposta. Por se tratar de uma forma de mediação e comunicação ainda muito recente na história da humanidade, a preservação da memória na internet ainda carece de estudos e abordagens.

Podemos afirmar que os rastros digitais são a nossa identidade pessoal na rede mundial de computadores. Essa identidade pessoal virtual não é muito diferente da nossa identidade real. Nesse aspecto, estamos de acordo com Sherry Turkle (2006), quando ela afirma que é um erro falar em vida real diferente da vida virtual, como se fosse uma outra forma de vida. O que somos na internet não é diferente do que somos no nosso cotidiano. Mas é claro, que assim como em uma gravação de história de vida ou em uma autobiografia, o que passamos de nós é o que queremos que os outros saibam e não o que realmente somos. É a nossa persona social. Concordamos também com Sherry Turkle (2006: 291) quando ela afirma que na internet, “*não estamos experimentando múltiplas identidades, estamos brincando com diferentes aspectos do eu*”. Uma foto que postamos nas redes sociais ou um comentário em um *blog*, que esteja de forma parcial ou

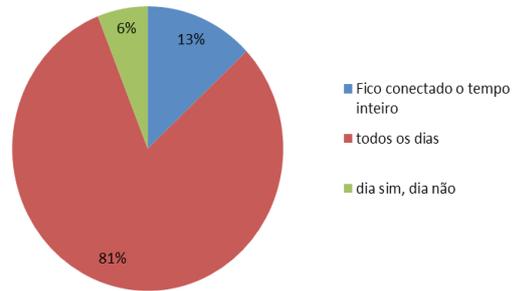
totalmente disponível na internet, diz muito sobre o que somos e o que pensamos. Essa identidade digital é parte da nossa memória social, são os vestígios que deixaremos de nossa existência, seja nas redes sociais ou nos *blogs* pessoais.

1. Quem são estes jovens e o que postam e compartilham no Facebook?

Para entendermos o perfil dos jovens do grupo, aplicamos um primeiro questionário em abril de 2013. As primeiras perguntas do questionário visavam identificar quem é o jovem e como utiliza o Facebook. Para isso, nos dois primeiros blocos de perguntas o objetivo era caracterizar quem era o jovem, perguntando a sua idade, seu gênero, cidade onde mora e grau de instrução. No grupo escolhido para o estudo predomina o sexo feminino, com 65% do total de entrevistados, e na faixa etária de 15 a 19 anos com 55% do total. Em relação à distribuição nos estados brasileiros, a amostragem abrange somente os estados da região Sudeste e Sul, sendo que o estado em que concentra maior número de pessoas é o estado de Minas Gerais com 13 pessoas, em seguida vem o estado de São Paulo com 8 jovens, o estado do Rio de Janeiro com 7 jovens e Santa Catarina com 3 jovens. Em relação à ocupação principal, 45% deles afirmaram que só estudam, 42% estudam e trabalham e 13% só trabalham. Dentre aqueles que são estudantes, a maior parte está cursando uma universidade (43%). Em relação ao uso da internet, 58% deles respondeu que teve o primeiro acesso entre os 6 e os 10 anos, enquanto que 42% acessou entre os 11 e 17 anos. Em relação ao local, podemos verificar que a maioria teve acesso em sua própria residência (45%) ou na escola (26%).

A partir da terceira pergunta, o objetivo era verificar com que frequência os jovens acessavam a internet. Embora houvesse sete alternativas de respostas, podemos verificar no gráfico n° 1 que os jovens se dividem em 3 grupos: aqueles que se conectam todos os dias (80%), os que ficam o dia inteiro conectados (13%) e aqueles que entram dia sim, dia não (6%). O fato das respostas ter se concentrado em uma frequência maior de assiduidade deve-se ao fato de termos escolhido jovens com grande presença no Facebook. Este perfil era necessário para podermos efetuar uma análise do material postado.

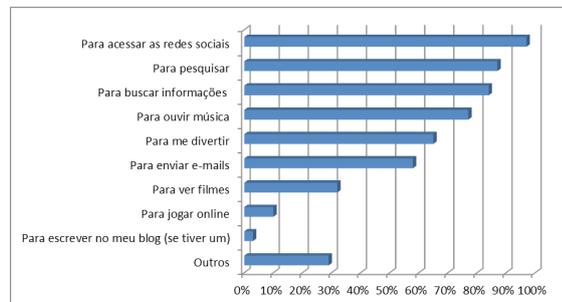
Gráfico 1 – Frequência de acesso à internet



Fonte: questionário aplicado em abril de 2012

Para entender como os jovens pesquisados utilizam a internet, efetuamos a pergunta n° 4 que permitia resposta múltipla. No gráfico n° 2 podemos notar que 97% dos jovens respondeu que utiliza a internet para acessar as redes sociais, dado superior ao número de acessos para enviar *e-mails* (58%) que se encontra na sexta posição de preferência dos jovens. É sintomático que os jovens têm usado cada vez menos o *e-mail* e mais as redes sociais. Para nós, imigrantes digitais, talvez seja impensável que o *e-mail* possa ser substituído por outras formas de comunicação na internet, mas para esta nova geração de nativos digitais o *e-mail* é uma ferramenta em processo de extinção.

Gráfico 2 – Uso da internet



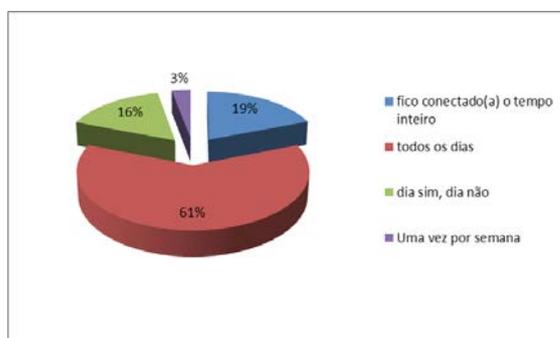
Fonte: questionário aplicado em abril de 2012

Um dos objetivos do questionário era entender como os jovens pesquisados utilizam a internet como ferramenta de comunicação, na troca de mensagens com amigos. Para isso disponibilizamos a questão número 5, onde eles deveriam marcar a frequência de troca de mensagens em cada ferramenta de comunicação. De todas as respostas que foram disponibilizadas, a maior porcentagem de troca de mensagens diárias é feita através do Facebook com 73% das respostas, seguida pelo *e-mail* com 62% e o MSN com 42%. Nesse caso, podemos notar que a troca de mensagens pelo Facebook (através do sistema de bate-papo ou nas mensagens privadas) é maior nos

jovens nativos digitais que o uso do *e-mail* e do MSN⁴.

Em relação ao tempo em que possuem conta no Facebook, 61% marcou a resposta há mais de 12 meses, seguida da resposta mais de 24 meses com 23% das respostas. Como podemos ver, esses jovens utilizam a ferramenta já há algum tempo, demonstrando desenvoltura com a mesma. A pergunta número 9 dizia a frequência de uso do Facebook, no gráfico 3 podemos notar que 61% acessa todos os dias, seguido de quem fica conectado o tempo inteiro com 19% das respostas. Interessante notar que somente 3% desses jovens utiliza uma vez por semana. Trata-se de jovens com alto índice de uso do Facebook, seja postando, lendo ou comentando registros dos amigos.

Gráfico 3 - Frequência no Facebook



Fonte: questionário aplicado em abril de 2012

Ao aplicar o questionário nos jovens pesquisados, um de nossos objetivos era verificar o uso do Facebook, mas também de outras redes sociais. Escolhemos o Orkut para fazer um comparativo, pois ele já foi líder nas redes sociais no Brasil. Sobre o Orkut, 52% respondeu que possui o perfil, mas não usa mais, 32% disseram que tinha o perfil e o cancelaram, 13% usa esporadicamente e somente 3% ainda usa frequentemente o Orkut. Embora a amostra da pesquisa não seja grande, pois nosso objetivo não era fazer uma pesquisa quantitativa, mas agregar atributos a nossa pesquisa qualitativa, é sintomático que apenas 16% dos jovens ainda usem o Orkut, ou seja, estes jovens mantêm as duas contas nas redes sociais, mas preferem o Facebook no seu dia a dia.

A partir das respostas, dividimos os jovens em dois grupos: um grupo que estamos chamando de proativos e um grupo de reativos. Chamamos de proativos aqueles

4 Quando aplicamos o questionário, o MSN ainda não havia sido desativado pela empresa Microsoft. Em novembro de 2012 a Microsoft, que havia adquirido o serviço de mensagens do Skype em maio de 2011, anunciou a descontinuidade do serviços do MSN e propôs migração para o Skype. A desativação definitiva do MSN ocorreu em maio de 2013.

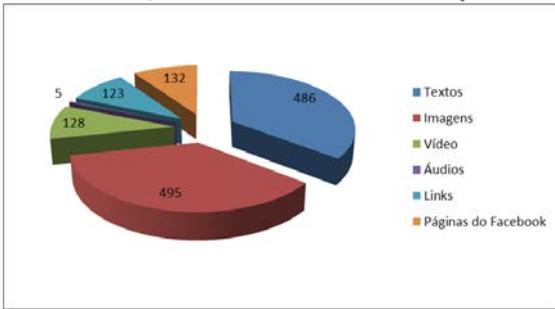
jovens que usam o Facebook como uma ferramenta de uso para uma determinada mobilização, seja ela uma causa social ou para divulgar seu trabalho. Nesse caso, o Facebook é uma grande ferramenta de comunicação, na qual se pode divulgar seu *blog* e alimentar sua rede de mobilização. No segundo grupo, encontramos os reativos. Nesse grupo estão aqueles que não podem prescindir do Facebook no seu dia a dia. Normalmente se conectam com mais assiduidade e transformam a rede social num espaço não somente de relato do cotidiano, mas também de memórias.

Quando a pessoa se conecta no Facebook, a primeira coisa que aparece é a pergunta “No que você está pensando?”. A motivação principal é sempre descrever o que estamos pensando e sentindo naquele momento. Nesse sentido, a ideia da rede social é transformar-se uma espécie de diário virtual, onde cada passo de nossa existência é registrado: se vamos ao dentista, se nasceu nosso filho, em qual cidade gozamos nossas férias, o que vamos comer no almoço (com a foto do prato, claro) e todas as nossas conquistas. A ideia é fazer com que as pessoas fiquem o tempo todo conectadas, não somente para atualizar o seu perfil, mas para ler o que outros postam e ficar por dentro do que está acontecendo no mundo, na internet e fora dela. Além de um certo *voyeurismo*, as redes sociais possibilitam uma imersão no cotidiano das pessoas. E no Facebook não há gente feia, pessoa infeliz ou casamento ruim, todos são felizes. Da mesma forma que em registros de história de vida o que passamos é sempre o melhor de nós mesmos, a nossa persona social.

Para entender o que os jovens postam no Facebook, efetuamos um acompanhamento *online* com os jovens durante o mês de março de 2012. O total de conteúdo postado durante o mês de março foi de 1369 registros, que dividimos em três ações básicas: curtir, compartilhar e postar. Além do tipo de ação, cada conteúdo recebeu uma classificação por assunto (a partir de uma lista com 39 assuntos) e por formato, sendo seis formatos: texto, imagem, vídeo, áudio, *link* e página do próprio Facebook. O objetivo da classificação era analisar os conteúdos postados pelos jovens e entender que tipo de material eles postam e quais os caminhos que a pesquisa deveria trilhar em sua segunda fase.

Conforme podemos verificar no gráfico 4 em relação ao formato da ação, durante o mês de março os jovens pesquisados manipularam 1369 tópicos, sendo que o maior número de ações de compartilhamento, de *post* ou de curtição foram com imagens (495 ocorrências), seguida de textos (486 ocorrências).

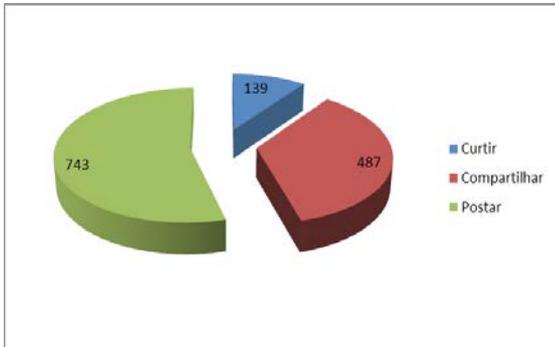
Gráfico 4 – Número dos formatos das ações



Fonte: acompanhamento virtual março 2012

Em relação ao tipo de ação, vemos no gráfico 5 que postar conteúdo é a ação mais realizada pelos jovens com um total de 743 ocorrências, seguida do compartilhamento com 487 ocorrências. Podemos notar que a opção curtir é a menos utilizada pelos jovens, num total de 139⁵. A partir desses dados podemos analisar que o desejo de deixar sua marca, postando uma mensagem ou uma foto atrai mais os jovens do que compartilhar ou curtir um post alheio. E há ainda aqueles que curtem o próprio *post*, em uma espécie de narcisismo.

Gráfico 5 – Ações no Facebook

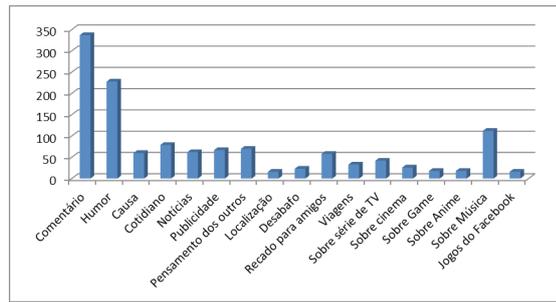


Fonte: acompanhamento virtual março 2012

Em relação aos assuntos postados, embora tivéssemos uma relação de 39 assuntos, fizemos uma seleção do que foi citado e colocamos no gráfico 6 apenas quando o assunto recebeu mais de 15 registros. Podemos notar que o maior número de registros são comentários sobre si mesmo, ou pensamento próprio (337 registros). Nesse caso, são expressões de como a pessoa está se sentindo naquele momento, se está triste, alegre ou se tem alguma novidade para informar aos amigos. Também significativo é o número de posts e compartilhamentos de humor, através de imagens ou textos, com um total de 228 registros.

5 Infelizmente não há possibilidade de resgatar a opção curtir quando ela é feita em relação a comentários de outras pessoas e sim quando a ação é realizada sobre uma determinada página do *Facebook*.

Gráfico 6 – Assuntos mais postados no Facebook



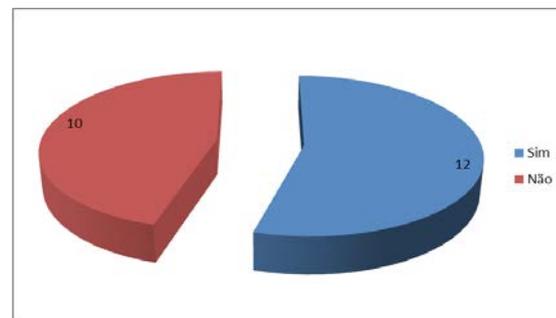
Fonte: acompanhamento virtual março 2012

1. O Facebook e a preservação das memórias virtuais

O segundo questionário deveria ser aplicado a 31 jovens da pesquisa, no entanto, somente 22 deles continuam com perfil no Facebook após o fim da pesquisa. O resultado que apresentamos diz respeito aos jovens que ficaram no grupo até o fim da pesquisa.

Em relação à linha do tempo, os jovens têm noção de que ela é parte de sua memória. Ao serem perguntados se têm o hábito de consultar o que postam em seus murais e linha do tempo, as respostas ficaram bem divididas, sendo 12 respostas positivas e 10 negativas.

Gráfico 7 - Você tem o hábito de consultar que você postou anteriormente?



Fonte: questionário aplicado em julho de 2013

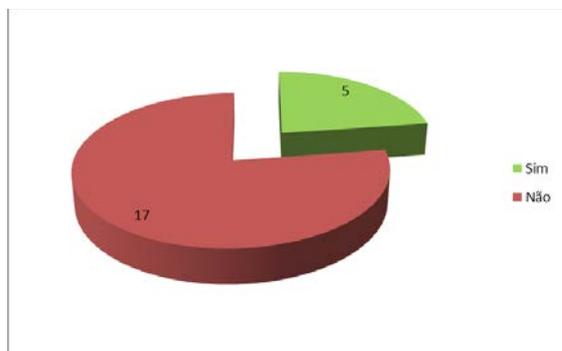
Ao perguntar se eles apagam os posts da linha do tempo, a maioria disse que não apaga (consultar gráfico 8). Ao justificar o porquê de não apagar suas postagens na linha do tempo, a maioria alegou que não havia necessidade de fazê-lo porque a ideia é que o Facebook possa armazenar essas informações justamente para podermos consultá-las. Segundo uma das pessoas do grupo, a linha do tempo do Facebook possibilita mostrar quem somos:

“Minha linha do tempo traduz quem sou. Se está lá, no momento teve algo que me motivou a curtir/postar/comentar.” L.S.

“Nunca pensei em fazer isso (apagar). Acho importante manter a memória dos posts antigos. Chega a ser

engraçado ver o que eu postava quando comecei a usar o Facebook. Fora que eu não teria paciência para fazer isso.” A.C.

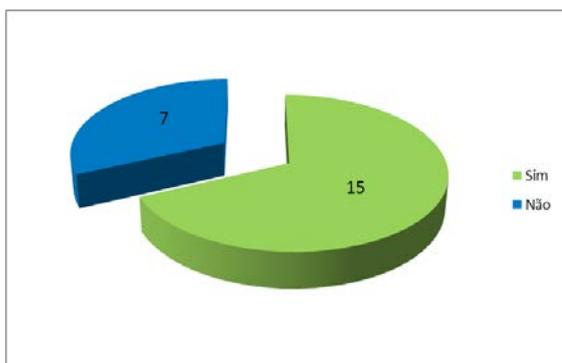
Gráfico 8 - Você apaga os posts anteriores da sua linha do tempo?



Fonte: questionário aplicado em julho de 2013.

Podemos notar pelos resultados da pesquisa que a Linha do Tempo é uma referência importante para estes jovens. Da mesma forma que a maioria não apaga os posts anteriores, esses jovens estão interessados em consultar a linha do tempo de seus amigos. Ao perguntar se eles consultavam a linha do tempo de alguém que acabaram de adicionar ao seu rol de amigos, 15 jovens responderam que sim, e 7 responderam que não, o que demonstram o interesse em consultar esses registros de memória do cotidiano.

Gráfico 9 – Consulta a linha do tempo de um amigo



Fonte: questionário aplicado em julho de 2013.

Para entender o processo o uso do Facebook como espaço de preservação da memória fotográfica dos jovens, elaboramos seguinte pergunta: Você posta fotos pessoais no Facebook? A maioria afirmou que posta suas fotos (19 respostas positivas e 3 negativas). Ao pedirmos para justificarem suas respostas, muitos deles afirmaram que o papel da rede social é justamente divulgar seus registros fotográficos (e no caso, a memória) para seu grupo de amigos. Entre as respostas positivas selecionamos algumas que julgamos interessantes:

“Sim, tenho álbuns meus com diversos temas. Confesso que gostaria de criar mais. Acho interessante que meus amigos possam ver e acompanhar a minha vida através de fotos de eventos do meu cotidiano.” J.M.
“Posto fotos da minha gata, lugares que frequento, coisas que vejo na rua, etc. Posto para compartilhar esses momentos com meus amigos do Facebook.” M.M.
“Uma vez que é uma rede SOCIAL, logicamente formada por pessoas, fotos fazem parte do complemento visual para essa rede. Acho que a foto aumenta sua interação com as pessoas.” L. M.

Finalizando o questionário, perguntamos aos jovens o que significava o Facebook para eles. O objetivo da pergunta era entender se os jovens têm consciência de que suas memórias são registradas cotidianamente na rede social. Dividimos em dois grupos: os otimistas e os pessimistas. Consideramos 18 respostas otimistas em relação ao papel do Facebook e 4 pessimistas. Selecionamos algumas respostas que consideramos bem interessantes:

Otimistas

“Representa uma mesa redonda de amigos que estão distantes fisicamente. Um estreitamento dos fatores externos a favor da continuidade dos relacionamentos, mas não substitui a presença física, apenas apazigua.” L.S.

“Atualmente é o meu maior canal de comunicação com o mundo.” J. M.

“Facebook é uma grande arma de relacionamentos, amizade, divulgação e diversão. É um grande meio da propagação da real informação, sem manipulação da mídia.” A. L.

“Um espaço de interação social no qual fortaleço vínculos em geral pessoais, também é uma plataforma na qual tenho a oportunidade de dividir conhecimento e experiências profissionais.” G. R.

Pessimistas

“Uma versão nova, aprimorada e modista de um Orkut. Nada mais do que pessoas interessadas na vida do próximo.” G. M

“Bom, hoje em dia não significa nada, estou até pensando em desativar.” E.D.

“Já fui mais ativa no Facebook, mas as mobilizações virtuais não têm me entusiasmado muito. Uso o Facebook mais para saber de eventos e ler textos do que para discutir. Tenho a impressão de que o espaço para o debate dominou muito e os usuários estão cada vez mais fechados em seus grupos virtuais, sem abertura para discussão. Além disso, a censura e a possível venda de meus dados pessoais pela empresa me fazem pensar em sair da página.” I. R.

“É uma ferramenta útil para divulgar ideias e conhecer

peças. Mas, apesar disso, dá pra fazer um uso bastante superficial e perder muito tempo com isso.” J. D.

Ao estudar o uso do Facebook no registro de narrativas, a professora britânica Joanne Garde-Hansen (2009: 142) afirma que “The personal stories one can create using Facebook do not necessarily present a person’s life as a history⁶”, nesse caso, não é absolutamente correto afirmar que os jovens utilizem o Facebook para registrar sua história, mas como um espaço de registro de acontecimentos. Segundo esta autora, o poder da palavra escrita e da linearidade ajuda a organizar e decodificar o passado de forma ordenada e temporal, mas sozinhos não dão conta dos processos de lembrança e esquecimento que enriquecem a memória. Para esta autora, não é somente os registros pessoais (textos, fotos, etc) no Facebook que apresentam uma narrativa sobre cada pessoa, mas também as contribuições dos amigos transformam a página pessoal em um arquivo pessoal digital de histórias. Para Garde-Hansen, as redes sociais são um sintoma da necessidade de apresentar espaços de identidade, de histórias e de memória na internet.

Considerações finais

Ao finalizar esta primeira avaliação do material coletado na pesquisa, podemos tirar algumas conclusões. A primeira delas diz respeito à forte presença da internet e do Facebook no cotidiano desses jovens. Com base em pesquisa de outrem e no que realizamos podemos verificar que as redes sociais, mas principalmente o Facebook, encontraram no público brasileiro um campo fértil de uso. Se e até quando essa “onda” vai durar não sabemos, mas a verdade é que o fenômeno que foi o Orkut está sendo suplantado pelo Facebook pelos atrativos que o mesmo oferece ao seu público. Mesmo em relação às redes sociais, podemos afirmar que elas são sazonais e sofrem mutações ao longo de sua existência. No caso brasileiro, por exemplo, a rede social que até 2011 dominava o mercado, o Orkut passou sua liderança para o Facebook nessa ocasião⁷. Embora migrar os dados para outras plataformas seja quase sempre possível, como por exemplo entre o Orkut e o Google Plus, o medo dos usuários é a perda do conteúdo virtual.

Em segundo lugar, constatamos que as ferramentas de

e-mail e outros comunicadores instantâneos (tal como foi o MSN um dia) estão caindo em desuso entre os jovens nativos digitais e é um caminho sem volta. Como será a comunicação desses jovens no futuro? Não sabemos e nem podemos imaginar, porque a internet é uma ferramenta dinâmica e aliada à convergência de mídias cada vez mais presente no cotidiano da vida das pessoas trará outras formas mais amigáveis de comunicação.

Acreditamos que o uso das redes sociais, tem modificado a forma como o registro da memória é feito pelas pessoas. Ao postar fotos e textos em “tempo real” no Facebook, os usuários da internet estão produzindo registros e postando-os no momento exato da produção do fato. Assim, torna-se um registro sobre o momento instantâneo para um presente também instantâneo, quase como que um presente-passado e um presente-presente, que podemos chamar de atual. Essa memória do presente é uma memória efêmera e imediata, compartilhada em tempo real com seus amigos e familiares. Esta, que podemos chamar de memória compartilhada, seria uma espécie de memória imediata e, ao mesmo tempo mediada pelo espaço virtual, o ciberespaço. Nesse sentido, Canavilhas (2004) aponta que a internet comprime o tempo, não o tempo entre emissão e recepção da mensagem, mas o tempo da memória. Dessa forma, passamos a ter um passado-presente e um presente-presente.

6 “As histórias pessoais que se pode criar usando o Facebook não apresentam necessariamente vida de uma pessoa como uma história” Tradução livre.

7 PORTAL G1. Facebook ultrapassa Orkut em usuários únicos no Brasil, diz Ibope, publicada em 2011. <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-ultrapassa-orkut-em-usuarios-unicos-no-brasil-diz-ibope.html>. Consultada em 15/07/2013.

Referências

Canavilhas, J. (2004). *A internet como memória*. BOCC: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. 2004 Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>>. (Acedido a 22 maio 2013)

Gagnebin, J. (2006). *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34.

Garde-Hansen, J. (2009). MyMemories?: Personal Digital Archive Fever and Facebook. In: Garde-Hansen, J.; Hoskins, A.; Reading, A. *Save as... digital memories*. London: Palgrave Macmillan.

Palfrey, J. ; Gasser, U. (2011). *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed.

Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *MCB University Press*, vol. 9, no. 5, october 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky-Digital-Natives-Digital-Immigrants-Part1.pdf>. (Acedido em 15 de julho de 2013)

Ricouer, P. (2007). *A memória, a História, o esquecimento*. Campinas: Unicamp.

Teixeira, C. (2011). Rastros digitais são difíceis de eliminar e muitas vezes é preciso desativar o e-mail. *O Globo Tecnologia*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/rastros-digitais-sao-dificais-de-eliminar-muitas-vezes-preciso-desativar-e-mail-2792219#ixzz23RvaCo00>. (Acedido em 15 de agosto de 2013)

Turkle, S. (2006). A memória na tela. In CASALEGNO, Federico. *Memória cotidiana: comunidade e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina.